

Volta do investimento é novo desafio da agenda

Fábio Motta/AE - 10/7/2003

Setor exportador é o que vem impedindo uma queda mais forte no nível de investimento

ANDRÉ PALHANO

Aparentemente vencida a batalha contra a inflação, a volta do investimento privado no País é considerado o principal desafio da agenda do governo Lula. Fonte da equipe econômica conta ser visível que a preocupação, agora, é com o investimento.

Não é difícil entender a preocupação. "A falta de investimento é hoje a principal barreira para o crescimento sustentando a taxas mais elevadas no Brasil", resume o economista Armando Castelar Pinheiro, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea).

O que há de concreto é que o investimento vem caindo no Brasil nestes últimos anos. É basicamente o setor exportador que sustenta o pouco que está sendo feito. A taxa de formação bruta de capital fixo como proporção do PIB, principal indicador do investimento, baixou de 20% para 18,5% no ano passado. Esperava-se alguma recuperação para este ano, mas a estimativa do IBGE é de que encerre 2003 com uma taxa de 17,6% do PIB. "Bem abaixo de um padrão baixo desse indicador, portanto preocupante", comenta o economista Eduardo Giannetti da Fonseca, que atribui o número ao fato de a recessão econômica ter sido mais longa e mais forte do que se imaginava e às incertezas regulatórias no setor de infra-estrutura, que, diz ele, afetaram os investimentos de maneira geral.

Somam-se a esses fatores a alta taxa de retorno dos investimentos no mercado financeiro, fruto dos juros elevados, e o próprio cansaço do empresariado brasileiro em relação ao padrão de arrancadas e freadas que tem caracterizado a economia brasileira nos últimos anos. No ano 2000, por exemplo, o PIB cresceu 4,5%, a inflação ficou dentro da meta e os juros reais ficaram abaixo dos 10%. Acreditava-se que, assim como agora, o País teria condições de crescer a taxas sustentadas por um período mais longo. Aí veio o "apagão", a crise da Argentina e uma desaceleração mais forte na economia americana.

"É preciso redespertar o espírito empreendedor do empresariado brasileiro, que está adormecido faz tempo. Só que é preciso criar as condições para que o empresário se sinta seguro, que veja um horizonte mais longo de atividade econômica aquecida", avalia Castelar Pinheiro, do Ipea. Outra constatação é de que são as empresas exportadoras que vêm segurando essa taxa de investimento. Sem esse crescimento recente das exportações, os economistas dizem que essa taxa bruta de formação de capital fixa estaria substancialmente mais baixa.

Marcos – O presidente da Associação Brasileira das Indústrias da Infra-Estrutura e Indústrias de Base (Abdib), José Augusto Marques, avalia que alguns riscos estão superados, mas problemas de estabilidade legal e os marcos regulatórios ainda não estão bem equacionados. No primeiro grupo, destacam-se questões como os julgamentos dos reajustes da telefonia fixa e, tema que parece cada vez mais recorrente, as confusões geradas pelo governador do Paraná, Roberto Requião. No segundo, os modelos regulatórios de setores chave, como o de energia elétrica. "Temos de ter marcos claros, definidos e permanentes. O novo modelo de energia elétrica, por exemplo, vem sendo discutido há meses, mas o fato é que ainda não o vimos", comenta o presidente da Abdib.

A questão das agências reguladoras é outro ponto sobre o qual ainda existem incertezas. Mas há impacto efetivo nos investimentos? Os números mostram: em 2003, o setor de infra-estrutura receberá investimentos abaixo dos US\$ 8 bilhões, contra US\$ 14,3 bilhões de 2002. "Isso para uma necessidade anual reconhecida de US\$ 20 bilhões, apenas para tapar os gargalos", resume Marques.

Outro tema relacionado ao

investimento que tem despertado acaloradas discussões é o nível de capacidade instalada da indústria – que varia de setor a setor.

De acordo com dados da FGVC, o nível de utilização é significativamente mais alto no setor de bens intermédios e de ráios (86,1%) e na indústria de transformação (81,2%), não por acaso onde estão boa parte dos exportadores. Segmentos como o de bens de capital e bens de consumo ainda registram longas margens de ociosidade

(com utilização da capacidade de 70,3% e 76,9%, respectivamente).

Outra parte significativa da volta do investimento, afirmam os especialistas, virá dos estrangeiros através dos chamados investimentos diretos. Embora os números mais recentes estejam baixos em relação ao passado, as perspectivas são positivas nesse segmento. Uma boa notícia para o Brasil é que, além da retomada da atividade interna, as principais economias do mundo parecem também apon-

tam para uma recuperação a partir do próximo ano. Outro sinal positivo é que o interesse por negócios de fusões e aquisições por parte dos estrangeiros parece estar, ainda que de maneira embrionária, melhorando. "Vemos agora a volta do interesse nessa área", afirma o sócio responsável pela área de Fusões e Aquisições da Price Waterhouse, Raul Beer, lembrando que muitos investidores começaram a prospectar negócios no País só agora, por causa da recuperação econômica. Como os prazos de maturação desses negócios levam alguns meses, eles deverão estar concluídos aproximadamente no começo do segundo semestre de 2004.

MARCOS REGULATÓRIOS DEVEM SER APRESSADOS



Castelar Pinheiro, do Ipea: empresariado brasileiro está adormecido